

## MÚSICA, MEMÓRIA E IDENTIDADE

### MUSIC, MEMORY AND IDENTITY

### MÚSICA, MEMORIA E IDENTIDAD

Débora Pirovani da Costa Barbosa<sup>1</sup>

André Lemos Horta Barbosa<sup>2</sup>

Cauã Andrade Barbosa<sup>3</sup>

Herciane Dias de Oliveira<sup>4</sup>

Maria Clara Leal Peterle<sup>5</sup>

Alessandra Tozatto<sup>6</sup>

**RESUMO:** O presente estudo investiga a eficácia da musicoterapia como intervenção clínica neuropsicológica no manejo da Doença de Alzheimer (DA), com foco na preservação da memória e na manutenção da identidade do paciente. Por meio de uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, a pesquisa analisa como estímulos sonoros, ao serem integrados à prática clínica, atuam como facilitadores da plasticidade neural e do resgate de memórias autobiográficas. A fundamentação teórica baseia-se na interação entre sistemas cognitivos e emocionais, destacando a preservação funcional do córtex pré-frontal medial diante da neurodegeneração. Os resultados apontam que a musicoterapia dividida em modalidades ativa e passiva contribui significativamente para a redução de sintomas neuropsiquiátricos, como ansiedade e agitação, além de fortalecer o senso de continuidade identitária através do uso de repertórios vinculados ao *reminiscence bump*. Conclui-se que a música, quando utilizada como ferramenta estratégica pelo neuropsicólogo, transcende o caráter recreativo, configurando-se como um recurso essencial para a humanização do cuidado, a promoção do bem-estar e a preservação da dignidade humana frente ao declínio cognitivo progressivo.

1

**Palavras-chave:** Musicoterapia. Doença de Alzheimer. Neuropsicologia.

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia - Afya Itaperuna.

<sup>2</sup> Discente do curso de Psicologia - Afya Itaperuna.

<sup>3</sup> Discente do curso de Psicologia - Afya Itaperuna.

<sup>4</sup> Discente do curso de Psicologia - Afya Itaperuna.

<sup>5</sup> Discente do curso de Psicologia - Afya Itaperuna.

<sup>6</sup> Mestre em ensino / Orientadora - Universidade Federal Fluminense (UFF) / Afya Itaperuna.

**ABSTRACT:** The present study investigates the efficacy of music therapy as a neuropsychological clinical intervention in the management of Alzheimer's Disease (AD), focusing on memory preservation and the maintenance of the patient's identity. Through a qualitative bibliographic review, the research analyzes how sound stimuli, when integrated into clinical practice, act as facilitators of neural plasticity and the retrieval of autobiographical memories. The theoretical framework is based on the interaction between cognitive and emotional systems, highlighting the functional preservation of the medial prefrontal cortex in the face of neurodegeneration. The results indicate that music therapy, divided into active and passive modalities, contributes significantly to the reduction of neuropsychiatric symptoms, such as anxiety and agitation, and strengthens the sense of identity continuity through the use of repertoires linked to the *reminiscence bump*. It is concluded that music, when used as a strategic tool by the neuropsychologist, transcends its recreational character, becoming an essential resource for the humanization of care, the promotion of well-being, and the preservation of human dignity in the face of progressive cognitive decline.

**Keywords:** Music therapy. Alzheimer's disease. Neuropsychology.

**RESUMEN:** El presente estudio investiga la eficacia de la musicoterapia como intervención clínica neuropsicológica en el manejo de la enfermedad de Alzheimer (EA), con énfasis en la preservación de la memoria y el mantenimiento de la identidad del paciente. A través de una revisión bibliográfica de carácter cualitativo, la investigación analiza cómo los estímulos sonoros, al integrarse en la práctica clínica, actúan como facilitadores de la plasticidad neural y del rescate de memorias autobiográficas. El fundamento teórico se basa en la interacción entre sistemas cognitivos y emocionales, destacando la preservación funcional de la corteza prefrontal medial frente a la neurodegeneración. Los resultados señalan que la musicoterapia, dividida en modalidades activa y pasiva, contribuye significativamente a la reducción de síntomas neuropsiquiátricos, como la ansiedad y la agitación, además de fortalecer el sentido de continuidad identitaria mediante el uso de repertorios vinculados al *reminiscence bump*. Se concluye que la música, cuando es utilizada como herramienta estratégica por el neuropsicólogo, trasciende el carácter recreativo, configurándose como un recurso esencial para la humanización del cuidado, la promoción del bienestar y la preservación de la dignidad humana ante el declive cognitivo progresivo.

**Palabras clave:** Musicoterapia. Enfermedad de Alzheimer. Neuropsicología.

## INTRODUÇÃO

A música é um estímulo complexo capaz de envolver simultaneamente diversas áreas cerebrais relacionadas à emoção, memória, atenção e funções executivas. Estudos contemporâneos em neuropsicologia e neurociência cognitiva indicam que a experiência musical ativa múltiplas redes neurais, favorecendo não apenas a evocação de lembranças, mas a construção de significados pessoais essenciais para a noção de identidade (LEVITIN DJ, 2006; SACKS O, 2007). Dessa forma, a música atua como um potente recurso terapêutico, capaz de despertar memórias autobiográficas e promover a reconexão do indivíduo com sua própria história.

Diversas evidências apontam que estímulos musicais mantêm uma relação privilegiada com a memória, sendo capazes de evocar lembranças de maneira rápida e espontânea. Esse fenômeno, mediado pela associação entre o som e contextos emocionais, funciona como um facilitador da recordação (JANATA P, 2007; BAIRD A e SAMSON S, 2018). Contudo, para além da resposta emocional, a aplicação clínica desse recurso demanda uma análise técnica sobre como a música pode ser utilizada como ferramenta estratégica de estimulação em pacientes com comprometimento neurocognitivo.

Essa relação entre música e memória é particularmente relevante no contexto da Doença de Alzheimer (DA). Embora o declínio neurodegenerativo comprometa múltiplos domínios cognitivos, pesquisas indicam que circuitos relacionados à memória musical permanecem funcionalmente preservados por mais tempo, permitindo que pacientes ainda respondam emocionalmente e recuperem memórias associadas a repertórios familiares (BAIRD A e SAMSON S, 2015; EL HAJ M, et al., 2018). Nesse cenário, o papel do psicólogo e do neuropsicólogo torna-se central, pois cabe a esses profissionais planejar intervenções que utilizem a música de forma estruturada para além da recreação, visando a reabilitação funcional e a preservação da identidade.

Embora relatos observacionais e midiáticos sobre o poder da música em pacientes com demência ilustrem frequentemente a potência dessa 'ponte' cognitiva, o presente estudo busca avançar para além de casos isolados, consolidando a análise na literatura neurocientífica. Diante do exposto, torna-se imprescindível investigar como a musicoterapia, fundamentada nos pilares da neuropsicologia, pode transcender o caráter recreativo para se estabelecer como uma estratégia clínica rigorosa. Compreender os mecanismos subjacentes à relação entre música e

memória é fundamental, visto que essa interação oferece caminhos para o manejo da sintomatologia neuropsiquiátrica, promovendo a preservação da dignidade e da essência identitária diante dos desafios impostos pela neurodegeneração.

## MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, com objetivos descritivos e exploratórios, estruturada por meio de uma revisão bibliográfica narrativa. Esta abordagem metodológica justifica-se pela necessidade de reunir e sintetizar evidências científicas atuais que articulem os conceitos de musicoterapia, memória e a prática neuropsicológica no contexto da Doença de Alzheimer (DA).

O procedimento de coleta de dados foi realizado através do levantamento de artigos científicos, dissertações e livros especializados, utilizando como bases de dados a SciELO, PePSIC, PubMed e o Google Acadêmico. Para a seleção do material, foram definidos como descritores os termos "musicoterapia", "Doença de Alzheimer", "memória autobiográfica", "neuropsicologia" e "reabilitação cognitiva", combinados por meio de operadores booleanos para refinar a busca por estudos que abordassem a música não apenas como recurso recreativo, mas como ferramenta clínica de estimulação.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão publicações compreendidas entre os anos de 2004 e 2026, com foco em obras que discutem a atuação do psicólogo como mediador no processo de reabilitação e os impactos das intervenções musicais nas funções executivas e na identidade do paciente. A análise do material buscou compreender como a musicoterapia, ao estimular redes neurais preservadas, auxilia o profissional a promover o resgate de memórias e a qualidade de vida, garantindo rigor ético, sigilo e anonimato das fontes citadas.

## RESULTADOS

A análise da literatura revela que a musicoterapia, quando integrada à prática neuropsicológica, transcende a função de entretenimento, configurando-se como um recurso terapêutico de alta precisão no manejo do Alzheimer. Os resultados indicam que a música atua como um facilitador da plasticidade neural, sendo capaz de contornar, ao menos parcialmente, os deficits impostos pela neurodegeneração ao estimular regiões como o córtex pré-frontal

medial, que apresenta preservação metabólica significativa mesmo em estágios avançados da patologia.

Observou-se, ainda, uma distinção clara entre as modalidades passiva e ativa: enquanto a escuta musical direcionada (passiva) favorece a regulação emocional e a redução de sintomas neuropsiquiátricos como ansiedade e agitação, a musicoterapia ativa, envolvendo a execução instrumental, auxilia na manutenção da coordenação motora e da criatividade. A evidência de que repertórios autobiográficos, especialmente aqueles vinculados ao *reminiscence bump*, possuem maior potencial de evocação mnêmica, reforça a necessidade de um planejamento criterioso e individualizado pelo psicólogo.

Por fim, os resultados destacam que o uso da música como ferramenta de reabilitação promove uma melhora na qualidade da comunicação não verbal e no vínculo entre o idoso, seus familiares e a equipe de cuidado. O uso da musicoterapia, ao favorecer a integração entre emoção, cognição e identidade, cumpre o objetivo de preservar a dignidade humana do paciente, reafirmando seu senso de "Eu" e oferecendo uma estratégia complementar eficaz para enfrentar os desafios biopsicossociais impostos pela Doença de Alzheimer.

## DISCUSSÃO

A Doença de Alzheimer (DA), enquanto patologia neurodegenerativa, caracteriza-se pela progressiva perda da autonomia decorrente do declínio cognitivo. Tal comprometimento manifesta-se por meio de déficits na linguagem, na memória recente e nas funções motoras, sendo a memória anterógrada frequentemente um dos primeiros domínios a ser afetado. Com a progressão do quadro, surgem sintomas neuropsiquiátricos como ansiedade, depressão e episódios de agitação psicomotora, os quais impactam diretamente o bem-estar do indivíduo (CALDEIRA G, et al., 2024).

O tratamento para a DA é geralmente farmacológico, porém, estudos apontam a eficácia da abordagem biopsicossocial, que prioriza a identidade do indivíduo portador da doença de Alzheimer no tratamento. Nesse contexto, medidas não farmacológicas têm se mostrado viáveis na oferta de qualidade de vida e redução de sintomas associados à doença, além disso, promove avanços na comunicação e na interação social dos pacientes. Uma dessas estratégias é a musicoterapia, que mostra-se como boa estratégia para tratamento da sintomatologia de

doenças, bem como, melhora na relação médico-paciente, o que torna o atendimento mais humanizado (DIAS R, et al., 2022).

Nessa linha, Souza MA e Praia J (2024) reforçam que o papel do psicólogo é fundamental para atribuir novos significados às vivências do idoso, utilizando a música como uma ferramenta estratégica para reduzir a necessidade de intervenções farmacológicas e promover a segurança emocional. Nesse sentido, a musicoterapia subdivide-se em modalidades distintas: a passiva, focada na escuta musical para a regulação emocional; e a ativa, que envolve a execução instrumental e a criação sonora, contribuindo para a coordenação motora, o estímulo à criatividade e a integração de circuitos neurais (CALDEIRA G, et al., 2024). Assim, a utilização da memória musical do paciente constitui um método valioso para a reabilitação, ao conectar memórias pregressas à afetividade atual, promovendo a estimulação cognitiva e a redução dos níveis de estresse.

A Musicoterapia precisa atender à relação entre vivência musical e o contexto sócio-cultural do paciente. A identidade das pessoas é amplamente marcada pelos elementos da cultura e do meio social que elas fazem parte, incluindo as músicas e outras formas de artes consumidas por essas pessoas. A evocação da informação autobiográfica é um processamento significativo para a noção de auto-identidade. Lembramos os detalhes da nossa história pessoal com todo o seu colorido emocional associado a imagens com simbologia própria. Esse sistema permite também a permanência e continuidade do eu através do tempo e, principalmente, a adaptação da pessoa ao seu meio interior e exterior (FRANK M e LANDEIRA-FERNANDEZ J, 2006).

Considerando que os significados e sentidos atribuídos à música se inserem na identidade das pessoas, tem-se adotado na prática musicoterapêutica a abordagem que se denomina narrativa musical de história de vida, por se acreditar que as pessoas se apropriam, no decorrer de suas trajetórias históricas, de sonoridades tornadas significativas em suas trocas sociais. Dessa forma, ao expressarem essas sonoridades, elas estarão comunicando sentidos e significados pessoais que exprimem suas intencionalidades, crenças e vivências. Portanto, a narrativa musical constitui-se na narrativa de suas trocas sociais, de suas existências (CUNHA R, 2007).

Sob a perspectiva da neuropsicologia, a relação entre música, memória e identidade fundamenta-se na interação entre sistemas cognitivos e emocionais, sendo essencial que a avaliação clínica identifique padrões de preservação para orientar intervenções

individualizadas. Nessa lógica, a literatura destaca que a estimulação musical promove modificações estruturais e funcionais no cérebro, incluindo a neuromodulação de sistemas de recompensa e prazer, além de induzir alterações sinápticas em áreas como o corpo caloso, o cerebelo e o córtex motor. Assim, a música atua como um potente catalisador de processos cognitivos complexos como memória, planejamento e atenção, permitindo que o indivíduo acesse sua carga afetiva e otimize a funcionalidade neurobiológica frente ao declínio demencial (CAMPOS A e LIMA M, 2019).

Além da fundamentação teórica, a literatura neurocientífica apresenta dados concretos sobre o impacto da música na cognição, com evidências que reforçam o seu potencial terapêutico. A escuta diária de música está associada à melhora significativa na recuperação cognitiva, especialmente em memória verbal e atenção, além de promover efeitos positivos no humor (SÄRKÄMÖ T, et al., 2008). Esses achados sugerem que a música pode atuar como um facilitador da plasticidade neural, contribuindo para a reorganização funcional do cérebro após lesões.

De maneira complementar, intervenções estruturadas de musicoterapia promovem redução significativa de sintomas de ansiedade e depressão em pacientes com Alzheimer (GUÉTIN S, et al., 2009). Considerando que esses fatores emocionais impactam diretamente o desempenho cognitivo e a qualidade de vida, os resultados reforçam o papel da música como recurso terapêutico relevante no manejo clínico da doença.

Sob essa perspectiva, a utilização da música no contexto clínico não é apenas um estímulo, mas uma estratégia de procedimento neuropsicológico, ao estimular redes neurais preservadas e favorecer a integração entre emoção, cognição e identidade. Dessa forma, a atuação do neuropsicólogo não se limita à avaliação dos déficits, mas envolve a implementação de intervenções baseadas em evidências que promovam funcionalidade, bem-estar emocional e manutenção do senso de identidade do indivíduo.

A consolidação da identidade individual por meio de narrativas musicais encontra respaldo na preservação de redes neurais específicas frente à progressão da Doença de Alzheimer (CUNHA R, 2007). Estudos de neuroimagem funcional apontam que o córtex pré-frontal medial (mPFC) integra estímulos musicais, emoção e memória autobiográfica, sendo uma das regiões menos afetadas pela atrofia cortical e disfunção metabólica (JANATA P, 2007). Essa integridade permite que a música atue como uma “ponte” cognitiva, contornando déficits

da neurodegeneração e favorecendo a reativação do senso de autoidentidade (DIAS R, et al., 2022).

Essa reconstrução do 'Eu-musical' é o que Aleixo M (2004) define como uma ponte no tempo, permitindo que a musicoterapia acesse o contexto sociocultural do sujeito. Entretanto, Di Cavalcanti J, et al. (2016) ressaltam que, embora a música melhore a familiaridade geral, o impacto em informações muito específicas pode ser limitado, o que exige um planejamento criterioso do neuropsicólogo.

A eficácia desse mecanismo pode ser compreendida a partir das características das Memórias Autobiográficas Evocadas pela Música (MEAMs), que tendem a emergir de forma involuntária, rápida e com elevado grau de vividez quando comparadas a memórias evocadas por outros estímulos, como pistas verbais ou visuais (FRANK M e LANDEIRA-FERNANDEZ J, 2006).

Nesse sentido, investigações empíricas conduzidas por El Haj M, et al. (2012) demonstram que pacientes com Doença de Alzheimer, ao serem expostos a músicas previamente significativas, recuperam memórias pessoais em menor tempo e com maior riqueza de detalhes e carga emocional positiva. Tal fenômeno, frequentemente descrito como “efeito de positividade”, apresenta relevância clínica ao contribuir para a redução de sintomas afetivos, como ansiedade e depressão, além de favorecer a manutenção de uma continuidade subjetiva do “eu” ao longo do tempo, apesar do comprometimento cognitivo progressivo (CALDEIRA G, et al., 2024). Corroborando essas evidências, Corrêa C, et al. (2020) demonstram que o uso de repertórios culturalmente significativos, como a música popular brasileira, gera um aumento em expressões de alegria e reduz sintomas graves como a agitação e o delírio, consolidando a música como um recurso de fortalecimento da autoestima.

Entretanto, uma análise mais crítica da literatura revela que a preservação da memória musical não ocorre de maneira homogênea, sendo marcada por uma dissociação funcional entre sistemas de memória implícita e explícita. Enquanto a memória procedural responsável por habilidades automatizadas, como a de tocar um instrumento pode permanecer relativamente intacta, a memória declarativa, associada ao reconhecimento consciente de informações musicais, tende a apresentar prejuízos significativos (BAIRD A e SAMSON S, 2015; SQUIRE L, 2004). Ademais, a eficácia da evocação mnemônica mediada pela música parece ser potencializada quando o repertório está associado ao chamado reminiscence bump, período



compreendido entre a adolescência e o início da vida adulta, no qual experiências são codificadas com maior intensidade emocional e relevância identitária.

Por fim, a aplicação clínica da musicoterapia requer uma abordagem sensível às particularidades subjetivas e ao contexto sociocultural do indivíduo, uma vez que os significados atribuídos à música são construídos ao longo da trajetória de vida (CUNHA R, 2007; FRANK M e LANDEIRA-FERNANDEZ J, 2006). É importante considerar que nem todas as memórias evocadas são necessariamente positivas, podendo emergir conteúdos emocionalmente ambivalentes ou até mesmo negativos. Ainda assim, evidências indicam que intervenções personalizadas baseadas no repertório do paciente promovem melhora significativa na interação social, no vínculo com cuidadores e na comunicação não verbal, aspectos frequentemente comprometidos na progressão da doença (DIAS R, et al., 2022). Dessa forma, a música transcende sua dimensão estética, configurando-se como um recurso terapêutico de natureza cognitiva e afetiva, capaz de preservar aspectos fundamentais da identidade e da dignidade humana, mesmo em contextos de acentuado declínio cognitivo (CALDEIRA G, et al., 2024).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão bibliográfica permitiu compreender que a musicoterapia, quando fundamentada na neuropsicologia, constitui um recurso clínico de alta eficácia para o manejo da Doença de Alzheimer. Ao longo deste estudo, observou-se que a música não atua apenas como uma estratégia de entretenimento, mas como um facilitador da plasticidade neural, capaz de acessar memórias autobiográficas ancoradas no reminiscence bump e contornar déficits cognitivos por meio da preservação funcional do córtex pré-frontal medial.

Os resultados evidenciam que a distinção entre as modalidades passiva e ativa permite ao neuropsicólogo um planejamento terapêutico individualizado, capaz de reduzir sintomas neuropsiquiátricos, como ansiedade e agitação, enquanto promove a manutenção do senso de identidade do paciente. A utilização de repertórios culturalmente significativos demonstrou ser uma "ponte" cognitiva que, embora não reverta a neurodegeneração, sustenta a continuidade do "Eu" e fortalece o vínculo do sujeito com seu contexto social e afetivo.

Contudo, ressalta-se que a intervenção exige um planejamento criterioso e sensível às particularidades subjetivas de cada indivíduo, dado que a evocação mnêmica pode, por vezes,

despertar conteúdos ambivalentes. Conclui-se que a integração da musicoterapia na prática clínica neuropsicológica é uma estratégia valiosa, não apenas pela sua resolutividade na redução de sintomas, mas pelo seu papel fundamental na preservação da dignidade humana e na qualidade de vida do paciente frente aos desafios do declínio cognitivo progressivo.

## REFERÊNCIAS

1. ALEIXO MA. Música uma ponte no tempo: Demência e Memória Musical. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
2. BAIRD A, SAMSON S. Music and dementia. *Progress in Brain Research*, 2015; 217: 209-235.
3. CALDEIRA EM, et al. The use of music therapy as an alternative treatment for Alzheimer's disease: a systematic review. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, 2024; 6(2): 2423-2431.
4. CAMPOS GM, LIMA PR. Protocolo de estimulação cognitiva a partir da música para avaliação neuropsicológica de idosos. Recife: Faculdade Pernambucana de Saúde, 2019.
5. CORRÊA L, et al. Efeitos da música nas expressões corporais e faciais e nos sintomas psicológicos e comportamentais de idosos. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 2020; 28(2): 539-553.
6. CUNHA R. Musicoterapia na abordagem do portador de doença de Alzheimer. *R.cient./FAP*, 2007; 2: 213-228.
7. DI CAVALCANTI ME, VALENTE MC, MENEZES PL. Melhoria da memória na Doença de Alzheimer baseada na música: promessas e limitações. *Distúrbios da Comunicação*, 2016; 28(2): 394-395.
8. DIAS LS, et al. O tratamento do Alzheimer com a musicoterapia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS E SABERES MULTIDISCIPLINARES, 2., 2022, Volta Redonda. Anais eletrônicos [...]. Volta Redonda: UniFOA, 2022.
9. EL HAJ M, et al. Characterization of music and photograph evoked autobiographical memories in Alzheimer's disease. *Journal of Alzheimer's Disease*, 2012; 66(2): 651-658.
10. FRANK J, LANDEIRA-FERNANDEZ J. Rememoração, subjetividade e as bases neurais da memória autobiográfica. *Psicologia Clínica*, 2006; 18(1): 35-47.
11. GUÉTIN S, et al. Effect of music therapy on anxiety and depression in patients with Alzheimer's type dementia: randomized, controlled study. *Dementia and Geriatric Cognitive Disorders*, 2009; 28: 36-46.

12. JANATA P, TOMICO ST, RAKOWSKI SK. Characterization of music-evoked autobiographical memories. *Memory*, 2007; 15(8): 845-860.
13. LEVITIN D. This is your brain on music: the science of a human obsession. Nova York: Dutton/Penguin, 2006.
14. SACKS O. Musicophilia: tales of music and the brain. Nova York: Alfred A. Knopf, 2007.
15. SÄRKÄMÖ T, et al. Music listening enhances cognitive recovery and mood after middle cerebral artery stroke. *Brain*, 2008; 131(3): 866-876.
16. SOUZA NC, PRAIA MJ. Musicoterapia e Alzheimer: melhorando a qualidade de vida dos idosos através da música. *Contribuciones a Las Ciencias Sociales*, 2024; 17(12): 1-23.
17. SQUIRE LR. Memory systems of the brain: a brief history and current perspective. *Neurobiology of Learning and Memory*, 2004; 82(3): 171-177.